



## QUESTÃO DE VAIDADE

### I



Supponha o leitor que somos conhecidos velhos. Estamos ambos entre as quatro paredes de uma sala; o leitor assentado em uma cadeira com as pernas sobre a mesa, á moda americana, eu a fio comprido em uma rede do Pará que se balouça voluptuosamente, á moda brasileira, ambos enchendo o ar de leves e caprichosas fumaças, á moda de toda gente.

Imagine mais que é noite. A janella aberta deixa entrar as brizas aromaticas do jardim, por entre cujos arbustos se descobre a lua surgindo em um limpido horizonte.

Sobre a mesa ferve em apparelho proprio uma pouca de agua para fazer uma tintura de chá. Não sei se o leitor adora como eu a deliciosa folha da India. Se não, póde mandar vir café e fazer com a mesma agua a bebida de sua predilecção.

Não se obriga nem se constrange ninguem n'estas praticas imaginadas. Se estivessemos na vida real, eu começaria por querer até privar-me do chá, e por sua parte o leitor dispensava o café para ser do meu agrado. Felizmente não é assim.

Ora, como é noite, e como não hajão cuidados para nós, temos ambos percorrido toda a planicie do passado, apanhando a folha do arbusto que seccou ou a ruina do edificio que abateu.

Do passado vamos ao presente, e as nossas mais intimas confidencias se trocãõ com aquella abundancia de coração propria dos moços, dos namorados e dos poetas.

Finalmente, nem o futuro nos escapa. Com o magico pincel da imaginação traçamos e colorimos os quadros mais grandiosos, aos quaes damos as côres de nossas esperanças e da nossa confiança.

Supponha o leitor que temos feito tudo isto e que nos apercebemos de que ao terminar a nossa viagem pelo tempo é já meia-noite. Serião horas de dormir se tivéssemos somno, mas cada qual de nós, avivado o espirito pela conversação, mais e mais deseja estar acordado.

Então, o leitor, que é perspicaz e apto para soffrer uma narrativa de principio a fim, descobre que eu tambem me entrego aos contos e novellas, e pede que lhe forje alguma cousa do genero.

E eu para ir mais ao encontro dos desejos do leitor imaginoso, não lhe forjo nada, alinhavo alguns episodios de uma historia que sei, historia verdadeira, cheia de interesse e de vida. E para melhor convencer o meu leitor vou tirar de uma gaveta algumas cartas em papel amarellado, e antes de começar a narrativa, leio-as, para oriental-o no que lhe contar.

O leitor arranja as suas pernas, muda de charuto, e tira da algibeira um lenço para o caso de ser preciso derramar algumas lagrimas. E feito isto ouve as minhas cartas e a minha narrativa.

Supponha o leitor tudo isto e tome as paginas que vai ler como uma conversa á noite, sem pretensão nem desejo de publicidade.

## II

*Eduardo ao seu amigo Pedro Eloy.*

« Meu amigo.

« Acendo duas velas para escrever-te. É como se eu confiasse diante de um altar as minhas penas e as minhas felicidades. Tens sido para mim o santo milagroso por excellencia; nada desejo que por influxo teu não seja cumprido. E mais ainda: nas minhas attribulações é a tua palavra que me sustenta, como a voz da verdade e da justiça. Não te admires, pois, da precaução que tomei de illuminar este papel como o faria á pedra de um altar.

« Ora, ainda assim não é tanto ao santo, como ao philosopho, que eu me dirijo d'esta vez. Talvez amanhã te vá pedir consolações, mas agora o que desejo é a solução de um phenomeno moral.

« Sabes do meu amor por Maria Luiza, a interessante viuvinha que eu encontrei ha dous mezes e a quem parece que inspirei algum amor. Pouco falta para que este amor seja coroado de um feliz successo, substituindo eu o finado marido, que, seja dito n'este papel, parece que era sufficientemente pro-saico.

« Quando te communiquei esta paixão mandaste-me bons conselhos de prudencia que eu li com a maior veneração. Dizias que me não fosse enganar e tomar por amor aquillo que não passava de capricho. Accrescentavas que a tua duvida nascia dos termos de minha carta.

« Pesei as tuas palavras e gravei-as na memoria. O resultado foi que estavas em puro engano. Eu amava deveras Maria Luiza.

« Mas vamos ao phenomeno. Antes de entrar em outros pormenores, insisto em dizer que amava e amo a viuva. Já te disse qual a força d'este amor e o que me havia inspirado. Não quero fazer repetições inuteis, mas insisto n'esta observação.

« Ouve agora o que me acaba de acontecer ha oito dias.

« Tinha eu ido passar uma noite em S. Domingos em casa de dous amigos. No dia seguinte, serião cinco horas, acordei sobresaltado com os preparativos que se fazião em casa para ir aos banhos do mar. Os meus hospedes ficarão pezarosos de me terem acordado tão cedo; mas eu, que já de longa data tenho a minha aurora ás onze horas da manhã, não fiquei descontente de poder fazer excepção á regra.

« Vesti-me, como elles, e fui com elles á praia das Flechas, lugar usual dos banhos.

« Diversas barracas se levantavão na praia, contra a qual se quebrava o mar agitado.

« Algumas moças já andavão á flôr das aguas, enfronhadas nas suas camisolas do costume. Outras ião sahindo de quando em quando do interior das barracas e tomando o caminho do mar.

« Um ou outro grito, soltado no meio do susto produzido por uma vaga mais alta ou mais violenta, unia-se ao sussurro do mar.

« Os maridos, pais e irmãos, que não tomavão banho, ou conversavão, ou lião, ou olhavão o ar, emquanto as garças humanas brincavão com o elemento a que Shakespeare as comparou.

« Armou-se a nossa barraca e preparárão-se os meus companheiros para o banho. Eu de mim, confesso, preferia ver as damas banharem-se e rir do susto pueril que ellas tivessem. Demais, apesar de estarmos no verão, fazia n'esse dia um tal frio que me arredava da agua cincoenta leguas.

« Os meus companheiros apresentavão-me o exemplo das damas que tão

destemidamente affrontavão o tempo e o mar. Mas eu, depois de citar Shakespeare no que tocava á identidade das mulheres e do mar, citei-me a mim proprio, accrescentando que a maioria das senhoras que se banhavão o fazião por moda ou por bom tom.

« Emfim, consegui não ir á agua. Emquanto os outros se banhavão fui sentar-me em uma pedra que alli estava perto. Estive contemplando os banhistas alguns longos minutos. Mas, como sempre acontece, os meus olhos, depois de correr todos os grupos, voltavão aos primeiros, e assim via eu duas ou tres vezes as mesmas caras, graciosas ou assustadiças, arreceiarem-se ou brincarrem com a agua revolta.

« Ora, uma d'essas figuras, a terceira vez que passou sob o meu olhar, teve-o alguns minutos. Estavamos a certa distancia que me não permittia distinguir-lhe as feições, mas havia na temeridade, na graça, no recato com que ella se banhava, uma tal differença das outras, que eu não pude deixar de examinal-a com mais interesse.

« Não podendo distinguir-lhe, como disse, as feições, esperei que ella estivesse em terra para procurar admirar-a ou correr-me de uma illusão.

« N'isto estava, quando a moça, que parecia nada temer e arredava-se da praia mais do que era conveniente, foi engolida por uma vaga. Só fluctuavão á flôr d'agua os longos e negros cabellos.

« Houve um grito, um só, mas de todos quantos se achavão na praia e presenciavão o facto.

« Alguns dos banhistas dirigirão-se para o lugar do desastre. Mas estavão um pouco longe. Eu via que a demora era fatal. Correndo pela praia atirei fóra o paletó e lancei-me á agua.

« Não te conto todas as peripecias d'esta scena. Na praia a familia da pobre moça ajoelhára-se involuntariamente e todos parecião depender de mim.

« Ao cabo de algum tempo e de alguns esforços salvei a moça.

« Avalia como fui recebido pela familia. Afagavão-a com abraços e beijos.

« Voltando a si do desmaio que tivera, a moça foi conduzida para casa dentro de um carro.

« O que motivára a catastrophe não foi a violencia com que a onda se arremessára, foi ter a pobre moça desmaiado. Uma vez desmaiada, cahio e não soube mais de si.

« O pai da moça obrigou-me a ir á casa d'elle. Não tive remedio. Avisei s meus companheiros e parti.

« Tratarão-me muito bem. Pedirão-me que voltasse lá algumas vezes. A moça não tirou as minhas mãos d'entre as suas, nem os seus olhos dos meus, dizendo-me que a mim devia a vida e que eu era o seu salvador.

« Voltei lá algumas vezes. Tratarão-me sempre muito bem. Mas que pensas tu que me aconteceu? Aquella franca alegria, aquella gratidão tão claramente manifestada pela moça, tudo isso fez-me apaixonado!

« Mas o phenomeno? perguntas tu. O phenomeno é que, se amo a esta, não esqueci a viuva. Amo a viuva como antes: o phenomeno é que amo as duas do mesmo modo, com o mesmo ardor. Explica-me isto.

« Estou de tal modo que não posso pensar em uma só, hei de pensar em ambas, sem o que soffro, encoleriso-me comigo mesmo.

« Que será isto? Escreve-me depressa, dá-me a luz e o balsamo de que necessita o teu amigo,

« EDUARDO T. B. »

A resposta d'esta carta, escripta dous dias depois, é assim concebida:

*Pedro Eloy ao seu amigo Eduardo.*

« Meu amigo.

« Recebi a tua carta, e desde o dia em que a li até hoje não tenho feito mais do que pensar no teu phenomeno.

« Não é que eu esteja convencido, como tu, de que é verdadeiramente um phenomeno. Pelo contrario, vejo que o que sentes é uma cousa muito natural.

« Insistes em dizer que amas a viuva. Eu insisto em dizer que não a amas. E a prova está n'esta dualidade de amor, falsa e impossivel, verdadeiro erro de um espirito enfermo e de um coração indiscreto.

« Queres tu saber o que existe na verdade? Existe um simples desejo, uma aspiração toda sensual, commum nos rapazes da tua idade e de tua educação, mas impropria de quem quer que comprehende a elevação e castidade dos sentimentos.

« Pensas que cortas toda a difficuldade pronunciando a palavra phenomeno? Repara, meu Eduardo, onde vai dar a ampliação d'este sophisma. D'este modo todos os vicios se legitimão, todos os desvios se aceitão.

« É engraçada a historia do banho e do desmaio no mar. Afigura-se-te que depois d'este episodio romanesco só se póde sentir amor, e conclues que estás apaixonado. E como uma insaciavel voluptia reúne em teu pensamento as duas mulheres em questão, conclues que estás apaixonado por ambas.

« Ora, serio. Admittes em toda a sua pureza moral a reunião de dous amores? Pois o amor, isto é, a mais completa fusão de duas almas, póde ter por objecto dous objectos?

« Reflecte, entra em ti mesmo, e envergonha-te do erro em que estás. Vê

bem que não amas nem a viuva, nem a donzella. Amas a uma só creatura, és tu mesmo. É o amor dos sentidos que se póde dividir, que se divide, que se prostitue, que se desvaira.

« Se queres uma explicação ahí a tens; se queres um conselho, não perturbes a constancia d'essas duas mulheres, a menos que não queiras a todo o transe ser actor principal em um drama perigoso.

« Adeos. Desculpa a franqueza; é a minha. Cá fico para explicar-te quantos phenomenos te appareção e varrer-te da cabeça quantas idéas más o vento da maldade ahí depuzer. Adeos. »

### III

Eduardo leu esta carta com avidéz, e releu-a para comprehendêl-a melhor, visto ser a primeira leitura demasiado rapida.

Quinze minutos gastou n'esta operação, e outros quinze em meditar as palavras do amigo Pedro Eloy. No fim de meia hora fechou a carta e guardou-a na gaveta da secretaria. Não estava convencido, estava abalado.

— Ora, por fim de contas, pensava elle, Pedro Eloy não é um papa; póde enganar-se. É talvez certo que se engane. Sou eu uma criança ou um ignorante? Não sinto eu o contrario do que elle me escreve?

Fazendo estas reflexões e outras no mesmo sentido, Eduardo vestio-se e sahio.

Esquecia-me dizer que Eduardo residia no Rio de Janeiro e Pedro Eloy em Petropolis.

Eduardo era um dos moços mais elegantes da sociedade fluminense. Era ao mesmo tempo um *roué* de primeira força. Faltava-lhe o calção, o sapato raso e os mil enfeites do tempo de Luiz XV. Durante os primeiros annos das suas correrias amatorias foi sempre remisso aos sentimentos de ordem elevada. Era vaidoso como um tolo e tolo como um vaidoso. Acreditava todas as mulheres mortas por elle, e algumas tiverão a desgraça de o confirmarem n'essa idéa.

Um dia levantou-se da cama com a crença original de estar apaixonado. Tinha conversado na vespera com a viuva Maria Luiza, e no dia seguinte, como tivesse sonhado com ella, julgou-se influenciado pelo deos do amor.

Feita a descoberta correu a todos os amigos para dar-lhes conta da novidade. Recebêrão-o a gargalhadas. Foi esse o aguilhão maior para o espirito do nosso namorado. Declarou-se irremissivelmente apaixonado e jurou por Jupiter, como faria Alcibiades, que se havia de casar com Maria Luiza.

Depois de muitos dias de uma côrte continuada e crescente, conseguiu

Eduardo fazer-se amado. Mas fez-se deveras. Maria Luiza entregou-se toda áquelle amor que á procurava na viuvez e achou da parte de sua velha mãe o beneplacito necessario.

Estavão as cousas n'este pé quando se deu o episodio dos banhos de S. Domingos. Já havia dous dias que Eduardo não via Maria Luiza, e nos dez dias que se seguirão ao referido episodio apenas lá foi uma vez.

Sahindo á rua Eduardo lembrou-se de que devia visitar a viuva, não se dispensando de visitar a donzella. A primeira residia na côrte, devia ter a preferencia. Eduardo encaminhou-se para a rua do Lavradio, onde morava Maria Luiza.

No Rocio encontrou dous amigos.

— Por onde andas tu? perguntou um d'elles.

— Eu sei!

— Ora, este simulado Antony não nos anda a fazer crer que se apaixonou pela tal viuva? acrescentou o outro amigo. É suppôr que comemos aráras. Aquillo naturalmente é alguma d'estas uniões morganaticas que costumam a contrahir. Adeos, sê feliz!

— Zombem! zombem! exclamou Eduardo. O que faria se soubessem de outras cousas! Ha um phenomeno.

— Ha dous, acudio o primeiro que fallára; é a paciencia de cada um de nós em ouvir-te essas patranhas. Vai, vai!

Eduardo despedio-se dos amigos e foi caminho. Estava contente de si. Produzia o effeito que desejava. Era em não ser acreditado que estava a originalidade. Não é que elle estivesse absolutamente fingindo. A' força de dizer que amava, convenceu-se d'isso. Mas a convicção não era o amor.

Maria Luiza estava em casa com sua mãe. Estavão ambas na sala. Maria Luiza tocava e cantava ao piano. Ao subir os degrãos do primeiro lanço da escada, chegarão aos ouvidos de Eduardo as palavras d'aquella aria deliciosa da *Favorita*: *O' mio Fernando...*

A vaidade do rapaz era mais forte que o amor. Subindo as escadas dizia elle mentalmente: Aquelle *mio Fernando* quer dizer *mio Eduardo*.

Não quiz bater palmas. A porta estava entreaberta. Adiantou a cabeça e deu com os olhos na viuva e na velha. A primeira não podia vê-lo. A' velha, que logo o vio, fez Eduardo um signal para que se calasse. Quando Maria Luiza terminou a aria, Eduardo bateu palmas e deu um bravo. Ella voltou-se e correu a recebê-lo.

Maria Luiza era realmente digna de um grande amor, mas da parte de outro homem que não fosse Eduardo. Amava-se n'ella tudo, até o amor que se lhe entornava dos olhos como balsamo de um vaso demasiado cheio. Adivi-

nhava-se que o primeiro marido não conhecêra nunca o thesouro que possuira e tomára aquella mulher pela razão que fez Abrahão tomar a escrava Agar.

Era de estatura mediana. O rosto, antès cheio que magro, tinha a expressão d'essas almas energicas e violentas que não transigem nem se sujeitão senão com a condição de se lhes dar em troco a felicidade e o bem. Os olhos erão castanhos como os cabellos. Tinha o nariz ligeiramente aquilino. A boca era das mais correctas e graciosas. Quanto ao resto do corpo, adivinhava-se através de um vestido de seda cõr de perola as fõrmas mais perfectas que jámais sonhára Praxiteles.

Se Eduardo não estivesse tão attento a ver o effeito que produzia, poderia enxergar, quando Maria Luiza se levantou do piano, o mais delicado pé depois do de Cendrillon, meio escondido em um sapatinho raso de setim.

Concebe-se que Maria Luiza, tal como a esbocei, inspirasse a Eduardo, não o amor, em que só elle acreditava, mas os desejos de que fallava Pedro Eloy. Para os espiritos mediocres é facil confundir uma e outra cousa. Diante de Maria Luiza, Eduardo perguntava a si mesmo se não era realmente amor o que sentia pela viuva. Já sabemos qual era a resposta que elle mesmo dava a esta intima interrogação.

A mãi de Maria Luiza era d'esses typos de velhice respeitavel e affavel a um tempo, com quem, sem perder a devida veneração, póde-se usar da mais franca familiaridade.

A recepção de Eduardo foi a melhor possivel. A velha cumprimentou-o como se fõra seu filho. Maria Luiza, com uma alegria a que se misturava certa dóse de censura, disse-lhe :

— Graças a Deos! Estivemos anciosas por vê-lo. Mamãi dizia que já se havia esquecido de nós ; mas eu, não querendo acreditar isso, acreditei a verdade : melhores distracções que a nossa companhia o detiverão de certo.

— Não ha tal, disse Eduardo aceitando a cadeira que a mãi de Maria Luiza lhe offerecia, e sentando-se defronte d'esta ; estive meio adoentado. Quiz sahir, apesar de tudo, mas o medico prohibio-me expressamente.

Uma mentira d'esta natureza e n'este sentido, mesmo que se conheça, é ouvida com agrado. A humanidade é feita d'este modo. Dispensa a verdade, uma vez que lhe preguem uma mentira lisongeira.

Em honra de Maria Luiza, devo dizer que ella aceitou as palavras de Eduardo como se forão textos evangelicos.

Eduardo, tendo feito passar a invenção da molestia, indagou da saude e do bem-estar das duas senhoras. A conversa demorou-se meia hora sobre assumptos indifferentes ao nosso. Finalmente, como viessem chamar a mãi de Maria Luiza, esta póde ficar uns quinze minutos a sós com Eduardo.



Houve um instante de silencio. Da parte de Maria Luiza era natural enleio. Da parte de Eduardo, não era natural, mas era enleio; provinha da paixão que elle acreditava em si.

A bella viuva rompeu o silencio.

— Sabe que lamentei a sua falta?

— Chorou?

— Não acredite, mas chorei.

— Devo crer tamanha felicidade?

— Porque não?

— Não posso. Quando me lembro, em meus sonhos de ambição, que a Providencia podia dar-me a mais invejavel das felicidades, occorre-me sempre que era preciso merecê-la; e eu não mereço, d'esta a que alludo, nem a decima parte.

Trocou-se entre ambos um olhar. Maria Luiza levantou-se. Eduardo seguiu-a com os olhos. Ella foi a uma jarra e tirou duas pequenas rosas brancas.

— Quer uma? perguntou a Eduardo encaminhando-se para elle.

Eduardo estendeu a mão para aceitar a flôr. Tocárão-se os dedos, e n'esse contacto Maria Luiza estremeceu. Eduardo segurou a mão da viuva e levou-a à boca. Maria Luiza, abandonando a mão a Eduardo, inclinou a cabeça e deixou-se possuir da felicidade que aquelle beijo, dado tão ardentemente, lhe fazia entrar no coração.

Depois, passado o primeiro enlevo, a viuva retirou a mão, foi para o piano, e começou a cantar com mais viva expressão a aria da *Favorita*.

Eduardo levantou-se e foi encostar-se ao piano.

Tinhão ambos os olhos confundidos, e n'esse enlevo cantou Maria Luiza e Eduardo ouviu.

A's ultimas notas entrou na sala a dona da casa.

— É uma singular predilecção a tua por esta aria, minha filha.

— É realmente deliciosa, disse Eduardo.

— De poucas cousas gosto tanto como d'isto, acrescentou Maria Luiza.

Eduardo, depois de algumas palavras mais, declarou que ia sair.

— Já! disse a viuva.

— É verdade, tenho uma visita para fazer.

— Não janta comnosco?

— Desculpe, não posso.

— Ao menos, virá tomar chá, não?

— Venho.

— Com certeza?

— Com certeza.

— Olhe, não falte, acrescentou a velha, olhando com certa intelligencia para a filha.

— Não falto.

Eduardo apertou a mão á velha e a Maria Luiza. Esta tinha os olhos rasos de lagrimas de felicidade, de saudade, de amor, de tudo. Eduardo olhou para ella a ultima vez e disse procurando a expressão mais terna de sua voz :

— Até logo!

— Até logo! respondeu a moça.

Eduardo sahio.

Maria Luiza foi á janella vê-lo ainda. Depois voltando para dentro deitou-se aos braços de sua mãe.

— Amas-lo, não, minha filha?

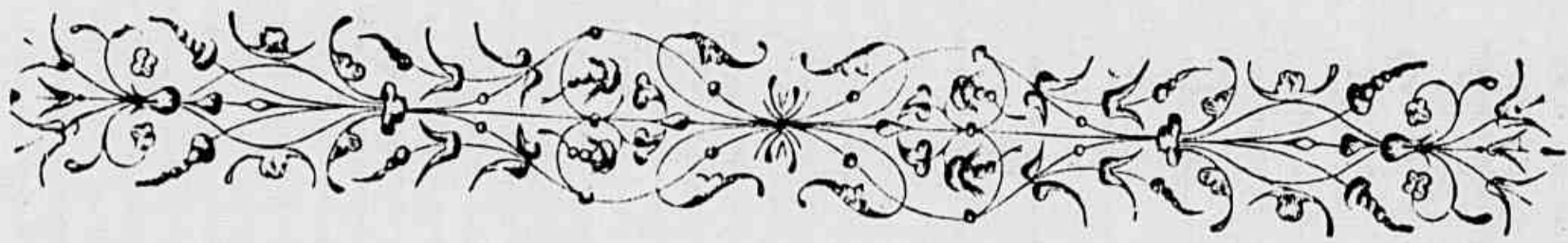
— Oh! muito! muito!

— Pois eu creio que elle tambem te ama. Juro-te que hão de ser felizes. Elle é só. Tu podias ter obstaculo em mim, mas eu só desejo a tua felicidade.

MACHADO DE ASSIS.

— *Continuar-se-ha.* —





## VIAGENS

---

### O PERÁO

---



Em fins do anno proximo passado fiz uma viagem á Bahia. Achava-me então em Itaparica. Fazião quatro annos que eu não tinha visto a terra de meu berço. Oh! que não sabeis, vós que nunca abandonastes o lar paterno, quanto prazer sente o coração, quando, após longa ausencia, os olhos contemplão os lugares de nossas reminiscencias, de nossos folguedos de criança.

Fazião quatro annos que eu não tinha visto aquellas praias tão alvas e tão lindas, que o mar beijava espreguiçando-se; que me não embalava á sombra d'aquellas mangueiras copadas, como são as mangueiras da minha terra.

E eu quiz visitar a velha e poetica capellinha de S. Antonio dos Vallasques, que tantas vezes me havia abrigado em seu alpendre; queria descobrir ainda as pegadas de meus passos de menino e apertar a mão aos velhos conhecidos que deixára n'aquelles lugares.

Pobre gente! Passei por alli, e a morte havia ceifado tantas vidas; e tudo estava mudado, e em vez de rostos amigos, encontrei desconhecidos, que me olhavão com curiosidade ou indifferença.

Como estranho atravessei aquellas paragens, testemunhas de minha infancia; conheci as habitações; mas aquelles que as occupavão tinhão ido dormir o somno derradeiro no cemiterio contiguo á capellinha.

Poucos restavão dos que tão caros me erão, mas esses poucos compensarão meu trabalho, e em meio d'elles tornei a achar meus descuidosos e bellos dias de infancia.

Erão quatro horas da manhã... O canoeiro, que me devia conduzir, bateu á porta da casa em que me achava hospedado. Ergui-me e desci.

O céu estava sem uma nuvem, e recamado de estrellas; soprava o nordeste e magnifica promettia ser a viagem.

A canôa cortava ligeira as aguas do mar, que lhe embatião contra o dorso, e ás vezes, quando a viração tornava-se mais fresca e as lufadas mais rijas, a agua entrava e nos salpicava de espuma.

É bella uma viagem assim, ás quatro horas da madrugada, quando apenas do lado do oriente se descortina uma orla roxeada, que annuncia o approximar da aurora.

O vento roçava-me brandamente as faces, e mudo e arroubado eu contemplava aquelle espectaculo tão lindo de um céu cheio de estrellas, e do mar brandamente agitado pelo sopro do nordeste.

E negra a costa se ia desenrolando ante mim, e o mestre da canôa me ia indicando os lugares e contando-me historias que brandamente me embalavão.

— É aqui o *peráo*, me disse ao passar em frente á fortaleza da villa.

E uma lagrima silenciosa lhe molhou a face tostada.

— Mas porque se commoveu assim? lhe perguntei.

— É uma historia bem triste para o coração de um pai; mas não vale a pena contal-a.

— Conte-a; se é tão triste, como diz, deve fazer-lhe bem repetil-a a outros; achamos consolação em depositar no peito alheio aquillo que nos pesa n'alma.

— Pois bem, disse o canoeiro limpando os olhos. O senhor parece bom; não se rirá de certo da dôr de um pobre pai.

« Era em 1858... fazem cinco annos. Minha pobre mulher tinha morrido e eu ficára só no mundo para velar pelo filho que ella me deixára.

« Morreu entregando-m'o. « Cuida d'elle, me disse, e eu rogarei a Deos por « ambos. »

« Eu servia-lhe de pai e de mãe; acalentava-o em meus braços, criei-o com todo o amor ao filho do meu coração.

« Um dia chegou aqui um estrangeiro; queria percorrer as costas da nossa ilha; indicárão-lhe minha morada, e ajustou comigo sahir na madrugada seguinte.

« Era uma manhã como esta, assim linda, assim fresca; costeámos o dia

todo e á noite abicámos á praia da villa, e eu corri a apertar contra o peito meu filho, que ahi deixára.

« Mas não sei que cousa me apertava o coração; sentia como que uma barra de ferro a comprimil-o; tinha como que o presentimento de uma grande desgraça.

« Ao chegar em casa, vierão-me ao encontro os vizinhos; tinham a tristeza no semblante; não vi entre elles meu filho.

— « Paulo! Onde está elle? gritei.

« E um dos vizinhos respondeu-me :

« — Está no céo. .

« — Morto! morto! solucei.

« Ah! o senhor não é pai, me disse o canoeiro depois de pequena pausa, não póde pois avaliar o que senti n'aquelle momento. Pareceu-me que me esmagavão o coração, e como se estivera embriagado, fui cahir de encontro á parede da casa.

« A criança se tinha ido banhar ao mar. Aqui, disse elle, apontando para as aguas, aqui ha um *perúo*; a praia é limpa, a arêa é alva, e mais dous passos, os pés não achão fundo e o abysmo está ahi aberto e ameaçador.

« O pobrezinho desapareceu precipitado no abysmo.

« Oh! que noite passei, meu bom senhor, e se me não contivessem os vizinhos, e se não houvessem passado a noite a me dizerem palavras de consolação, quem sabe se a desgraça do filho não seria seguida do crime do pai!

« No dia seguinte o corpo do pequeno appareceu boiando junto aos mangues do Mocambo.

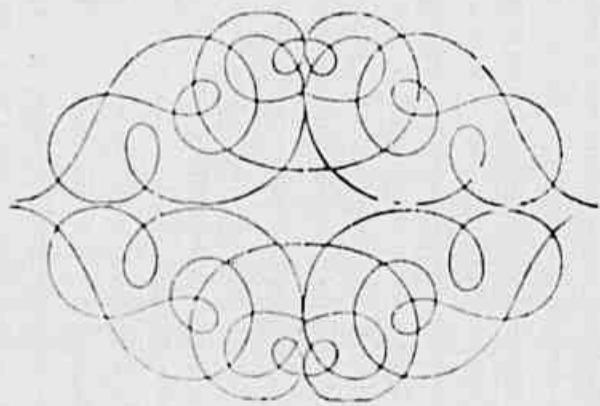
« É por isso que passando por aqui, não posso conter as lagrimas. Não morre a mágoa de um pobre pai. »

— Tem razão, respondi.

E respeitando a dôr do canoeiro, continuei silencioso o resto da viagem.

Erão seis horas da manhã quando chegámos á capellinha.

PADRE FRANCISCO BERNARDINO DE SOUZA.





# MOSAICO

---

## FRAGMENTOS DE UM LIVRO

---



s paginas de um livro são como as paginas da vida, umas nitidas e setinosas, e outras manchadas e tristes.

A vida é um prisma onde cada uma das faces exposta á acção da luz reflecte um brilho diverso. Quando o sol da mocidade doura o coração de sonhos, o mundo resplende magestoso; quando o sopro da velhiçe emmurchece as flôres da alma, o mundo se torna um desterro.

Muitas vezes eu me sinto cruelmente esmagada debaixo das impressões funestas que me agitam o espirito. Sinto que um peso de bronze me opprime o coração e que as minhas mais doces e queridas esperanças fenecem á mingua de conforto.

É por isso, é por esse desanimo que volvem-se os mezes sem que eu consagre n'estas paginas uma unica idéa ou um unico pensamento das minhas cogitações.

A's vezes um desejo irresistivel me arrasta para este livro, quero estampar as minhas tristezas e as minhas esperanças, as emoções que me despertão as bellezas exteriores do mundo ou as que se apoderão da minha alma; uma repugnancia invencivel me afasta a penna da mão e caio de novo em um marasmo profundo!

\* \*

Ainda o sopro do inverno não requeimou-me a fronte, ainda o gelo dos annos não me pesou no coração, e entretanto eu passo triste e fria pelo banquete da vida como a estatua de marmore no convite dos loucos. Algumas vezes comtudo eu sinto que pudera amar e querer muito, pudera fundir-me em um affecto unico e duradouro, dar minha vida a um homem, querê-lo como se quer os santos do céo, ou amal-o como se ama a sabedoria divina! Lanço os olhos porém em torno de mim, retraço na imaginação tudo o que tenho visto passar e repassar na minha vida, e mais do que nunca fico desanimada e infeliz.

Quantas scenas de ridicula ambição eu tenho visto se deslizar nas trevas parecendo illuminadas pelo mais nobre desinteresse.

Meninas que mal deixão os bancos dos collegios e que apenas se transformão de botão em flôr, sacrificadas á ambição dos pais, ao capricho das familias e á sêde infrene do ouro e das conveniencias particulares. Moças que a idade e a reflexão já lhes deixárão o pensar amadurecido, lançarem-se loucas no seio de uma paixão insensata, por um capricho pueril, por uma vaidade estolida ou por uma d'essas fantasias de romance que a escola hodierna de Balzac e de Jorge Sand tanto tem preconisado. Não é debalde que muitas vezes eu tenho erguido n'estas paginas um protesto solemne contra esse genero de instrucção que tanto se vulgarisa entre as nossas familias.

O romance moderno, o romance d'essa escola que se apraz em endeosar os vicios e em sustentar como peregrinas as theses mais absurdas, são flagellos que se lanção no seio da sociedade.

E de facto, qual o bom senso que não repugna esse realismo de *madame Bovary*, essa febre de *Fernanda*, de Dumas; das *Cortezãs*, de Balzac; de Jacques e Valentina, de madame *Jorge Sand*?

Eu quizera que por uma vez se abolissem esses livros perigosos das mãos inexperientes, esses philtros damninhos que tanto corrompem a alma, como corrompem tambem o coração.

Porque não hão de vir os romances como os de mistress *Beecher Stow*, miss *Cumming*, mademoiselle *Fredrica Bremer*, e tantos outros primores da litteratura estrangeira, enriquecerem as nossas bibliothecas?

N'elles a alma respira um ar puro e não mephitico; o coração pulsa feliz e tranquillo, banhado nos effluvios da mais celeste poesia.

Eu poderia demonstrar pela evidencia dos factos quanto mal essa litteratura febril das paixões tem causado com os seus desregramentos.

Conhecei uma senhora que tocára os vinte annos de idade sem nunca ter tido outra instrucção além da leitura d'esses romances perigosos.

Pobre moça! julgava-se talhada para ser uma d'essas heroínas da concepção de Balzac ou idealisada pela exaltação da autora de *Lelia*.

Ora suppunha-se *Valentina*, ora *Adriana de Cardoville*, e tantas d'essas imagens perigosas que o genio, embora desvairado, sabe conceber e produzir.

Um dia essa senhora, moça de uma bella alma de certo, mas gasta, polluida por essas paixões ficticias, um dia ella encontrou no caminho da sua vida um pobre moço que amou-a, antes mesmo de saber que no cofre de seus pais a fortuna deixára cahir alguns punhados de ouro. Ella deixou-se arrastar algum tempo pela linguagem do moço, deu-lhe mesmo esperanças, compartilhou talvez os seus sentimentos um ou dous annos. Elle era sincero; não pōeta e romancista, mas tinha um coração puro e virtuoso.

De repente surgio porém entre os dous um outro homem, moço tambem, mas não com a alma viçosa como o outro. Olhos sagazes, lince, lá no fundo do cofre descobrio o reluzir do ouro da moça.

Elle sabia inteiramente a paixão que os ligava, assim como as promessas que prendião os dous amantes.

De subito occorreu-lhe uma idéa. Elle tinha n'esse tempo um amigo, um poeta que sabia vibrar as cordas da lyra com o tremor da agonia e com o doloroso soffrer da saudade.

Pedio, instou, e finalmente a penna do amigo foi o écho que rebuou no coração da moça; elle vazou para o outro todos os segredos mysteriosos da sua alma de poeta.

A moça fascinada, louca e como lançada em uma vertigem, acolheu os contos, as cartas, as odes, os devaneios do album, e por fim trahio o seu primeiro amor, esqueceu-se de tudo que lhe devia de finezas, e aceitou o nome de esposa do desvairado ambicioso.

Pobre louca! julgou-se uma nova Heloisa, julgou-se uma nova Laura de Petrarca, e suppôz que o seu nome passaria á posteridade nos cantos do seu mavioso poeta!

\* \*

No fim de seis mezes ella conheceu de certo o seu desencanto. A alma do bardo, suspirosa e meiga, fundio-se na do ambicioso e ridiculo fatuo que só queria o seu ouro.

Desde então uma melancolia profunda lhe penetrou o coração.



Será remorsos do amor puro e virtuoso que desprezou, ou será a expectativa dolorosa de um futuro melhor?...

★ ★

Muitos factos como esse demonstrão evidentemente os effeitos perniciosos d'esses romances. É preciso que o espirito seja calmo e reflexivo para descortinar o falso do verdadeiro e reduzir ao seu justo valor essas theses arrojadas, esses paradoxos inauditos.

★ ★

É por isso que muitas vezes em um baile eu me torno triste e angustiada. Quem sabe se aquella belleza que alli passa altiva e orgulhosa não terá um dia de curvar o collo ao poderio de um senhor absoluto e que nunca saberá comprehendê-la? Quem sabe se aquella fragil menina, graciosa como o junquillo das selvas e linda como um céu de primavera, não verá em pouco tempo lançados por terra os seus sonhos e mallogradas as suas esperanças, os seus mais ineffaveis desejos? Fico triste, opprime-se-me de certo o coração, porque em todas essas conjuncturas eu vejo muitas e inevitaveis desgraças.

★ ★

Talvez pareça estranho e contradictorio até o meu procedimento, ao passo que fallo tão avessamente contra os romances, mostrar que os tenho lido e os conheço tão profundamente. Nem todos porém terião a felicidade de ter um guia tão dedicado como tive em meu pai, que, talento profundo e illustrado, desde os mais tenros annos acompanhou as minhas leituras com a severidade implacavel do critico.

Foi assim que muito cedo eu pude discriminar o bom do máo e o falso do verdadeiro, e que debaixo das galas de um estylo pomposo e irresistivelmente bello eu via enunciado um principio erroneo e desmoralizador.

Ha um livro que deveria servir de modelo para todos os que prezão a dignidade do talento e que desejão encontrar uma opinião abalisada e imparcial sobre a maioria dos romancistas contemporaneos. Sem duvida o Sr. *Eugenio Poitou* encerrou no seu livro : *du Roman et du Théâtre contemporains* todas as verdades que um espirito observador poderia colleccionar sobre assumpto de tanta magnitude. É assim que elle com aquella linguagem frisante e mathematica estigmatiza a escola iniciadora das paixões loucas e desenfreadas,

em cuja frente se ostentão tantas e vigorosas intelligencias, tantos e profundos escriptores.

★ ★

Por que motivo a historia tão singela de Paulo e Virginia arranca mais de um suspiro e mais de uma lagrima do coração? Não será que a fé, o amor e a crença vivem e palpitão n'aquellas paginas banhadas de poesia, mas de uma poesia casta e singela, que não perturba os sentidos e nem faz o sangue borbulhar ardentemente nas veias?

Felizes todos os romancistas se seguissem a escola romantica do mimoso autor dos *Quadros da natureza*.

MARIA AMALIA.





# POESIA

---

A M<sup>\*\*\*</sup>

Cuidei que já não vivia!  
Mas existo, e vivo estou!  
Ao contacto de tu' alma  
Minh' alma se reanimou!

Passei do mundo das trevas  
Para o céu do teu amor,  
Como a noite sem estrellas  
Para um dia de fulgor!

Sonho seja, ou realidade,  
Perder não quero a illusão!  
Dou-te o meu futuro e vida;  
Mas salva-me o coração!

BRASILIO.





## MODAS

### DESCRIPÇÃO DO FIGURINO DE MODAS.

*Primeiro toilette.* — Saia de tafetá verde listrado. Compõe-se a guarnição de tres viezes de tafetá preto separados com guarnição de fofos posta de viez de distancia em distancia e terminada com um laço de fita. Cinto andaluz de tafetá preto formando cosolete, adornado com passamanaria e compridas abas atrás cercadas com estreito *tuyauté*. Corpinho de *nanzouk* branco com guarnições franzidas e entremeios bordados. Joias de ouro e de coral.

*Segundo toilette.* — Vestido de popeline de Irlanda rôxo com xadrez de côr sobre côr; cinto imperio de tafetá com grossos grãos de côr irmanada e fivela oval de madreperola. Collarinho e mangas de panno de linho bordado.

*Vestimenta do menino.* — Calça e casaquinha de cachemira arruiviscada orlada de azul; botões de passamanaria. Chapéo á marinheiro de palha de Italia guarnecido de fita azul. Pequenas botas de pelle enfeitadas com um galão e borlas de seda azul.

### DESCRIPÇÃO DO FIGURINO DE VESTUARIOS HISTORICOS

As côres do nosso figurino de vestuarios historicos apresentam o mais feliz conjuncto; contudo pôde-se escolher outro qualquer; o principal é harmonisarem-se entre si. Para os trajos a caracter não se deve receiar empregar côres mui vivas; pelo contrario. Os variadissimos trajos que se encontrão n'um baile a caracter suavisão reciprocamente o extravagante de cada um, e o todo offerece a agradavel vista que faz gosto deparar n'uma festa.

O joven cavalheiro, que tão gentilmente offerece a mão á menina, está trajado á moda do tempo de Carlos IX. Este trajo é mui elegante; consta de um par de meias de seda branca mui cumpridas, de uma calça entufada de velludo ou de setim listrada, de um gibão *à crevés*, sobre o qual põe-se um capotinho de velludo forrado de setim. Poder-se-ha fazer, com perolas e qualquer medalhão, um collar do Espirito-Santo, o mantéo enrocado, bem como a gorra de velludo ornada de plumas.

Agora entremos no nosso dominio; eis um trajo de caça do tempo de Luiz XIII, um *toilette* de côrte do tempo de Luiz XIV. Para o primeiro trajo é preciso um vestido de tafetá, de velludo de Paris, ou de *popeline* lisa; guarnece-se a saia em baixo com qua



*Imp. Moine et Palauze - St Louis en Ville - Paris*

# JORNAL DAS FAMILIAS

Dezembro de 1864



JORNAL DAS FAMILIAS

Dezembro de 1864

tro ou cinco ordens de velludo preto, depois toma-se um corpinho de abas de velludo ou de setim, tirão-se as mangas substituindo-as por um pequeno *jockey* da mesma fazenda que o corpinho; borda-se este todo em roda com uma tira de *cygne* e fecha-se na cintura com um nó de fita. O chapellino parecerá talvez um tanto custoso; mas eis como deverão fazer as pessoas que tiverem algum geito: comprarão uma fôrma, de esparteria, de chapéo á Luiz XIII, tomarão velludo de algodão, e ellas proprias enfeitarão o seu chapéo, no qual ao depois pregarão uma pluma.

Para o *toilette* do tempo de Luiz XIV, orlar-se-ha um vestido, de linda fazenda lisa, com uma larga fita estampada fingindo um bordado; pôr-se-ha na frente do corpinho e nas mangas pequenas fitas imitando a da saia. O grande collarinho com chanfradura quadrado e os punhos voltados sobre as mangas do vestido são faceis de fazer. Para estas roupas brancas empregar-se-hão lindas *quipures* ou outra qualquer renda um tanto grossa; será bom misturar algumas perolas com as flôres do toucado e com os anneis á Sévigné.

---

## TRABALHOS

---

### FLÔRES DE PAPEL. N.º 3.

*N. B.* No proximo numero daremos os moldes dos petalos.

*Rainha-Margarida.* — Acha-se já recortada esta flôr em caixinhas, ou tambem pôde-se recortal-a pelos moldes.

É preciso 6 petalos n.º 1, 6 n.º 2, 8 n.º 3, 8 n.º 4. Para recortal-os é necessario ter papel inglez de côr se os quizer lisos, ou branco se os quizer rajados; n'este ultimo caso, estando todos os petalos recortados, molhão-se n'um pouco de côr amarella para o fundo, e para as beiras na côr com que se quer fazer a flôr: encarnada, côr de rosa ou rôxa; raja-se levemente nas beiras com um pincelzinho e faz-se o centro todo amarello.

Para estampal-os é preciso pôr sobre a almofada cada encaixe dos petalos n.º 4, e encrespal-os carregando com a pinça fechada e trazendo o encaixe da extremidade para o centro; os outros petalos dobrão-se em dous pelo meio sempre com a pinça, e o redondo de papel verde que se põe por baixo estampa-se como o n.º 1, porém no avesso do petalo, pois que ha de ser voltado.

Toma-se um centro amarello que se encontra já feito, unta-se completamente com massa depois de o haver amarrado em um forte arame; enfia-se em baixo um petalo n.º 3 voltando todos os encaixes sobre o centro, e assim para os cinco petalos; enfião-se depois cinco petalos n.º 2, grudando-os fortemente, mas só para o centro; o mesmo para os oito n.º 1; para os ultimos, ao contrario, carrega-se em cima para os fazer voltar, enfia-se e gruda-se o redondo verde. Para o botão verde, tomão-se os dous petalos n.ºs 3 e 2 que ficarão e enfião-se do mesmo modo; poem-se dous redondos verdes em friso que sobe sobre os petalos, e um franzido que volta. A armação é a mesma que a da rosa, o botão domina a flôr, enche-se com bastante algodão nos pés; em seguida, depois de desdobrar doze ou quinze folhas de tres tamanhos diversos, amarrão-se cinco no botão e tres na flôr; reune-se então com arame a flôr e o botão, enche-se ainda com algodão

e poem-se tres ou quatro grandes folhas, um pé muito forte que serve de haste e que deve ser cheio com algodão de modo que fique muito grosso e franzido em papel de hastes verde.

#### CHAPELLINHO DE FILET.

*Materiaes.* — 20 grammas de lã de Saxonia branca de cinco fios; 15 grammas da mesma lã encarnada; uma fôrma de 1 1/2 cent. de grossura e outra de 3 cent.

Toma-se a lã branca e a pequena fôrma. Armão-se 92 malhas e fazem-se 42 carreiras de *filet* simples, deixando cahir 1 malha no fim de cada carreira. Continúa-se depois deixando cahir 2 malhas no fim de 2 em 2 carreiras, até não ficar mais do que 4 ou 6 malhas sobre a fôrma. Toma-se então a lã encarnada e a grande fôrma, e fazem-se 5 carreiras de malhas todo ao redor do fundo branco; sobre os lados de vizez passa-se a fôrma nas malhas que ficarão soltas para as diminuições. Em seguida toma-se de novo a pequena fôrma e a lã branca, e faz-se uma carreira passando tres vezes a fôrma em cada malha encarnada. Finalisa-se com tres rodas simples encarnadas e uma roda branca sobre a pequena fôrma. Este chapellino torna-se muito agradavel, por ser quente e leve ao mesmo tempo.

#### ESCARPIM DE PONTO DE MEIA PARA CRIANÇA. N° 13.

*Materiaes.* — Para o par : 90 grammas de lã de Saxonia branca de 5 fios; 50 grammas da mesma lã encarnada; 4 agulhas de aço, n° 14.

Armão-se 28 malhas com a lã branca.

1ª Roda. — Toma-se a 1ª malha sem fazê-la; 27 malhas simples do direito.

2ª Roda. — Uma não feita, passa-se a lã adiante da agulha; 26 malhas do avesso, 1 do direito.

Repetem-se estas duas rodas até estarem feitas 20 ao todo.

*Para o calcanhar.* — Fazem-se 10 malhas tomando-as sobre outra agulha : fazem-se 8 malhas; depois deixão-se as 10 malhas sobre uma quarta agulha, e tornão-se a fazer as 8 malhas do meio. Continuão-se a fazer, tomando no fim de cada roda uma malha da agulha do lado. Depois de fazer isto 4 vezes, na roda seguinte fazem-se juntas a última das malhas do meio e a primeira das do lado, e continúa-se diminuindo da mesma maneira em cada roda até não ficar mais sobre os lados. Em seguida levantão-se 11 malhas de cada lado das 12 malhas do calcanhar, fazem-se as 11 malhas á direita d'essas 12, depois volta-se trabalhando até o fim das 11 malhas do lado esquerdo e armão-se 20 malhas. Repartem-se as malhas sobre tres agulhas; tomão-se as 12 do calcanhar sobre uma agulha; essas 12 malhas são para a sola; tomão-se 21 malhas sobre cada uma das duas outras agulhas e trabalha-se em circulo. Fazem-se 6 rodas, diminue-se de uma malha fazendo duas malhas de cada lado das 12 malhas da sola, isto é, no principio de uma das agulhas e no fim da outra; fazem-se 5 rodas, diminue-se nos mesmos lugares, e augmenta-se levantando uma malha, depois da primeira e antes da ultima malha da sola. Fazem-se 5 rodas, diminue-se nos mesmos lugares; fazem-se 4 rodas, diminue-se como antes e augmenta-se na sola. Fazem-se 4 rodas, diminue-se sempre da mesma maneira; fazem-se 4 rodas, diminue-se ainda; fazem-se 4 rodas, diminue-se na sola nos mesmos lugares onde se augmentou, e diminue-se na parte do peito do pé do mesmo modo que d'antes; depois augmenta-se no pé de tres em tres rodas até fazer-se ainda 7 diminuições. Diminue-se na sola na 6ª roda depois da ultima diminuição; ficarão 12 malhas da sola e 14 do peito do pé; fazem-se estas malhas juntas e voltão-se, com o



que termina o peito do pé. Depois d'isto levantão-se as 28 malhas armadas no principio e as 20 malhas do peito do pé, repartem-se estas malhas sobre tres agulhas e fazem-se 9 rodas ao avesso com a lã encarnada; volta-se. Para o pequeno lóro armão-se 40 malhas de lã encarnada e fazem-se 4 rodas, depois 2 rodas brancas e ainda 4 encarnadas; volta-se.

Cose-se este lóro no meio, acima do calcanhar do escaupim; amarra-se adiante por meio de uma casa de lã encarnada e de um botão de madreperola.

Os grãozinhos de lã encarnada bordão-se depois á agulha por cima do ponto de meia, deixando tres malhas na altura e na largura entre cada grão.

## CALDEIRINHA. N° 15.

*Materiaes.* — 50 cent. de talagarsa de seda branca sobre 20 cent. de largura; lã matizada para os botões de rosa; retroz da China verde; 1 m. 70 cent. de soutache de seda côr de cereja, mesmo retroz côr de ouro e preto; uma meitada de retroz aveludado côr de milho, 5 metros de cordãozinho de ouro fino.

Lembrando-nos das festas é que offerecemos ás nossas amaveis leitoras este lindo modelo; é um dos mais agradaveis objectos que se possa dar como lembrança. O nosso desenho o reduz de um terço; o fundo é de talagarsa de seda branca. Toda a moldura e o oval do meio são formados por duas carreiras de cordãozinho de ouro, divididas por uma ordem de *napolitain* de retroz encarnado sobre fio de ouro; pontos *lancés* de seda verde ligão estes tres contornos. As letras bordão-se em ponto de tapeçaria em realce com quatro variedades de lã encarnada; os raios e as estrellas em ponto *lancé* com quatro variedades de retroz amarello. O ramallete de botões de rosas borda-se de matiz com lã matizada côr de rosa, verde e côr de folha secca. Em baixo do oval colloca-se uma concha de madreperola que se cose por meio de buraquinhos feitos de proposito. Arma-se a caldeirinha n'uma fôrma de papelão um tanto forte, forrada com panninho e levemente acolchoada. Põe-se uma argola em cima para suspendê-la.

O ponto de tapeçaria em realce ou ponto velludo faz-se passando a lã quatro vezes no mesmo furo da talagarsa, corta-se e dá-se um nó de cada vez que se passa a lã; de cada vez deixa-se uma argolinha passar em cima e depois corta-se arredondando a lã para formar bem as letras; sombrêão-se as letras encadeadas da caldeirinha começando de cima com o matiz mais claro.

## EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA DE BORDADOS.

N° 1. — Guarnição recortada para vestimenta de criança.

N° 2. — Entremeio em ponto de relevo.

N° 3. — Flôres de papel. (*Vide os trabalhos.*)

N° 4. — *A. D.* Iniciaes entrelaçadas. Ponto de relevo.

N° 5. — Chapellino de *filet*. (*Vide os trabalhos.*)

N° 6. — *A. H.* Iniciaes entrelaçadas. Ponto de recôrte.

Nos 7 e 8. — Collarinho e punhos. Ponto de relevo com abertos nos florões, para bordar sobre cassa.

Nos 9 e 10. — Collarinho e punhos de panno de linho duplo acolchoado, com desenho em ponto russo de retroz preto, e uma carreira de grãos em ponto de *poste* de algodão branco.

N° 11. — *E. G.* Iniciaes. Ponto de relevo e ponto *d'armes*, com ornatos de illós e ponto de relevo.

- Nº 12. — *I. G.* Iniciaes. Ponto de relevo.  
 Nº 13. — Escarpim de ponto de meia. (*Vide os trabalhos.*)  
 Nº 14. — *A. B.* Iniciaes. Ponto de relevo.  
 Nº 15. — Caldeirinha. (*Vide os trabalhos.*)  
 Nº 16. — *P. A.* Iniciaes. Ponto de *poste* e ponto de relevo.  
 Nº 17. — *A. M.* Iniciaes. Ponto de relevo, recôrte e illós.  
 Nº 18. — Collarinho de panno de linho duplo acolchoado, com desenho de borboleta para bordar em ponto de relevo nos cantos.  
 Nº 19. — *G. V.* Iniciaes e ornatos em ponto de relevo semeado de illós.  
 Nº 20. — *E. G.* Iniciaes em ponto de recôrte com cetraria em ponto de relevo.  
 Nº 21. — *Clementina.* Nome para canto de lenço. Ponto *d'échelle*, ponto de relevo e illós.  
 Nº 22. — Quarta parte de um lenço para bordar sobre cambraia em ponto de relevo, ponto *d'armes* e pontos abertos.  
 Nº 23. — *Rosalia.* Nome para canto de lenço. Ponto de relevo e ponto *d'armes*.  
 Nº 24. — Entremeio. Ponto de relevo e ponto de *poste*.  
 Nº 25. — *Edwina.* Nome para canto de lenço. Ponto de recôrte e ponto de relevo.  
 Nº 26. — Quarta parte de um lenço rico para bordar sobre cambraia; os contornos fazem-se de cordãozinho com o centro em ponto *d'armes*, as flôres e as folhas em ponto de relevo partido com pontos abertos. Este lenço é proprio para ser offerecido a uma noiva; cerca-se com uma alta *valenciennes*, cujo desenho deve ser irmão com o do bordado.  
 Nº 27. — *L. A.* Iniciaes. Ponto de relevo.

## EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA DE MOLDES.

*Molde de touca de dormir.* — Esta touca é de mui bonita fôrma; colloca-se a fazenda dobrada ao direito sobre a linha de pontinhos e corta-se de um só pedaço. O fundo, em fôrma de rede, acha-se assim feito; passa-se uma enfiadura para fechal-a em baixo; prolonga-se a *passé* um pouco sobre as faces, guarneecendo-a com uma ou duas ordens de tiras recortadas e bordadas.

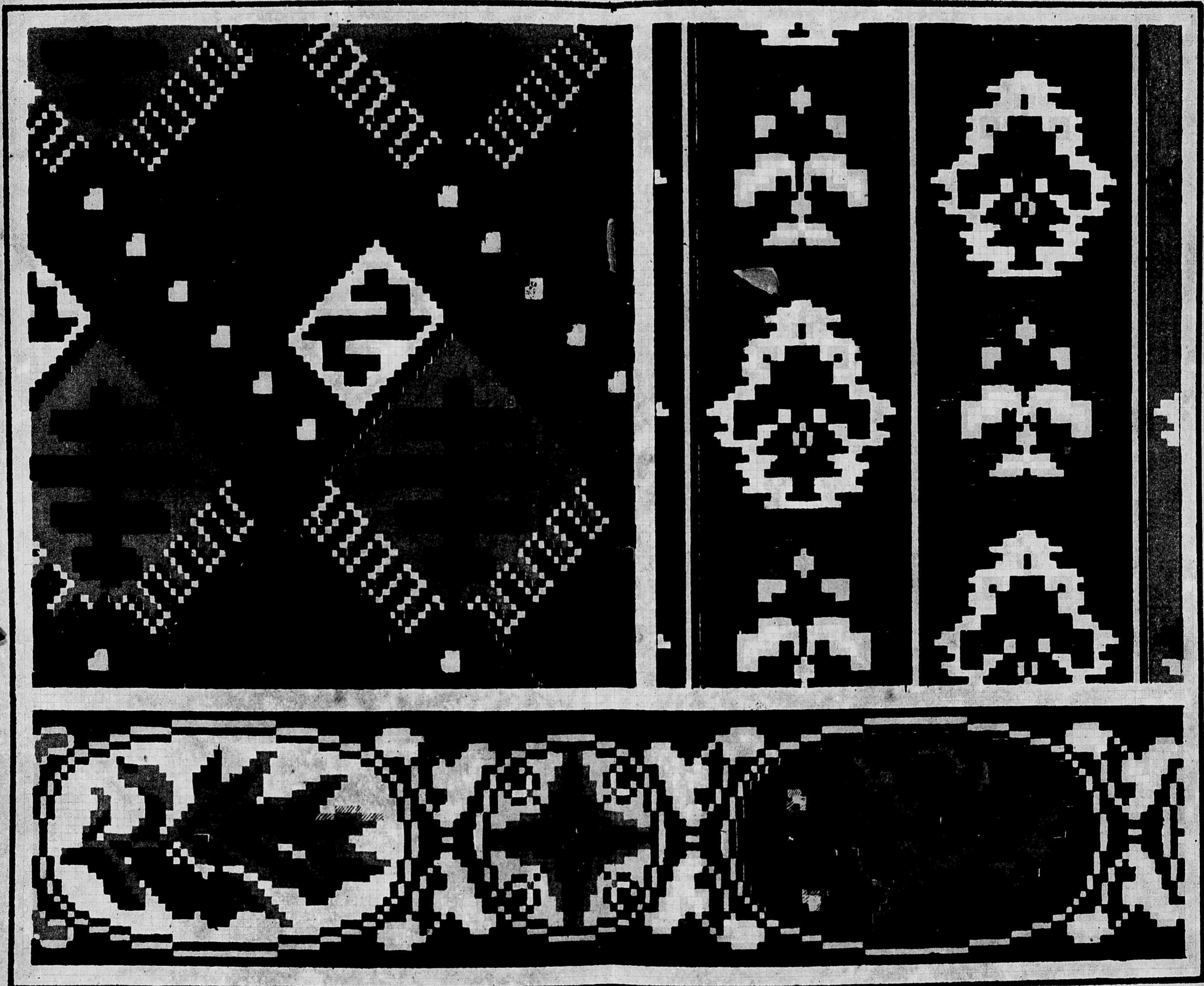
*Molde de vestido comprido para criança.* — Faz-se este vestido com acolchoado branco, e borda-se com soutache trançada de algodão branco. É preciso quatro peças de soutache.

- Nº 2. — Conjuncto do vestido comprido.  
 Nº 3. — Frente do vestido.  
 Nº 4. — Costas.  
 Nº 5. — Mangas.  
 Nº 6. — Cinto.  
 Nº 7. — Metade do desenho servindo de avental.  
 Nº 8. — Desenho para baixo da saia.  
 Nºs 9 a 14. — Guarnições recortadas e bordadas a escolher para a touca, e para a roda do pescoço e as mangas do vestido comprido.

## PRIMEIRA ESTAMPA DE TAPEÇARIA COLORIDA

O grande desenho á direita, de maravilhoso effeito com côres um pouco escuras, porém bem casadas, e de mui facil execução, convirá para toda especie de trastes, bem como para tapetes descida de cama. Em talagarsa mais fina poderá se vir para almofa-





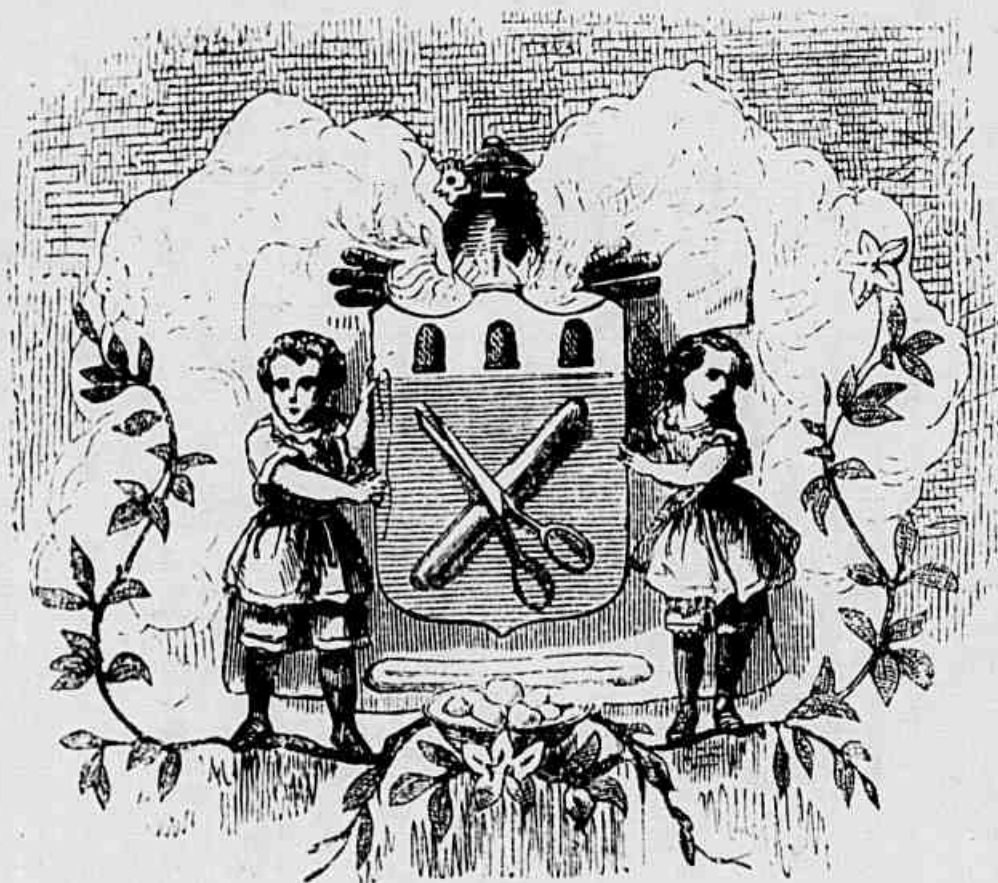
das, tamboretas, etc.; n'este caso far-se-ha o amarello com retroz de Argel, o que faz perfeitamente sobresahir os ricos e avelludados matizes da lã.

O outro desenho listrado, genero turco, é mais brilhante, e fará, sendo executado com lindas matizes, encantador effeito. Poder-se-ha empregal-o para tapetes, almofadas e reposteiros.

A linda cercadura que acompanha estes desenhos poderá servir-lhes de quadro. Uma encantadora moda, que recommendamos ás nossas amaveis leitoras, é a de guarnecer com uma tira de tapeçaria as cortinas de janellas e de camas, e os reposteiros com damasco de lã. Nada ha mais rico e mais elegante para um quarto de dormir. As mesmas tiras servem para prender as cortinas. Convirá admiravelmente para este uso a tira que apresentamos n'esta estampa.

#### SEGUNDA ESTAMPA DE TAPEÇARIA COLORIDA

Este genero de tapeçaria está agora muito na moda, por isso offerecemos um modelo ás nossas assignantes. Representa, n'um quadro de estylo Luiz XV, um açafate d'onde pendem diversas flôres graciosamente espalhadas n'um fundo de lindo encarnado. Este encantador debuxo pôde servir para a mobilia completa de uma sala de visitas, poltronas, cadeiras, sofá, tapetes, almofadas, etc.





# INDICE

## DO SEGUNDO ANNO

### ROMANCES E NOVELLAS

A fantasia da morte, por Hopes. . . . .	5
Um episodio da roça, por A. E. Zaluar (fim). . . . .	10
A filha do tropeiro, por Adolpho. . . . .	29
A sereia (lenda), por F. B. de Souza. . . . .	36
A orphã da varzea (historieta brasileira), por Reinaldo Carlos Montóro. . . . .	57
Do céu ao inferno, por Luiz de Malafaia. . . . .	89
A villa queimada, pelo Dr. Negro. . . . .	95
O aspide na flôr, por Stello. . . . .	121
A villa queimada, pelo Dr. Negro (fim). . . . .	127
O aspide na flôr, por Stello (continuação) . . . . .	155
Frei Simão, por M. A. . . . .	161
O aspide na flôr, por Stello (fim). . . . .	185
Virginius (narrativa de um advogado), por Machado de Assis. . . . .	192
Uma historia de todos os dias, por F. . . . .	217
Virginius (narrativa de um advogado), por Machado de Assis (fim). . . . .	223
O anjo das donzellas (conto fantastico), por Max. . . . .	249
O anjo das donzellas (conto fantastico), por Max (fim). . . . .	281
Casada e viuva, por Machado de Assis. . . . .	315
O vigario da roça, por Alicia. . . . .	326
Questão de vaidade, por Machado de Assis. . . . .	345

### HISTORIA

A volta do captiveiro, pelo padre Francisco Bernardino de Souza. . . . .	14
---	----

A morte do Baptista, pelo padre Francisco Bernardino de Souza. . . . .	154
D. Francisca de Sande ou a epidemia de 1686 na Bahia, por J. C. Fernandes Pinheiro. . . . .	169
Suzana a casta, pelo padre Francisco Ber- nardino de Souza. . . . .	198
Bethsabée, pelo padre Francisco Bernardino de Souza. . . . .	296

### BIBLIOGRAPHIA

Factos do espirito humano, philosophia, pelo Dr. J. G. de Magalhães. . . . .	100
As imperatrizes do Brasil, por Stenio. . . . .	262

### VIAGENS

O convento da Luz em S. Paulo, por . . . . .	64
Um casamento na roça, por Hope. . . . .	252
S. João do Rio Claro, por A. E. Zaluar. . . . .	258
Um leilão na roça, por Achard. . . . .	290
Petropolis, por Stephen. . . . .	351
O perão, pelo padre Francisco Bernardino de Souza. . . . .	355

### MOSAICO

O que não diz a lingua e o que não ouvem os ouvidos? por Sebastianopolino. . . . .	59
Caridade, por M. E. A Pessoa. . . . .	44
Observações sobre os suicidios. . . . .	111
A mulher, por M. de Azevedo. . . . .	138

Remedio contra as queimaduras. . . . .	140
Eis o que resta..... pelo padre Francisco Bernardino de Souza. . . . .	172
Rio de Janeiro anecdotico, colheita de bons ditos, repentos felizes e pilherias mais ou menos chistosas, por Jonor Achimbert. . . . .	204
O cache-nez, por Sebastianopolino. . . . .	240
Rio de Janeiro anecdotico, colheita de bons ditos, repentos felizes e pilherias mais ou menos chistosas, por Jonor Achimbert. . . . .	266
Rio de Janeiro anecdotico, colheita de bons ditos, repentos felizes e pilherias mais ou menos chistosas, por Jonor Achimbert. . . . .	500
O toucador, por J. . . . .	503
Rio de Janeiro anecdotico, colheita de bons ditos, repentos felizes e pilherias mais ou menos chistosas, por Jonor Achimbert. . . . .	557
Fragmentos de um livro, par Maria Amalia. . . . .	558

POESIAS

Portugal e a Italia, por Brasilius. . . . .	47
Saudades, por J. Montenegro.. . . .	45
N'uma folha branca, por A. E. Zaluar. . . . .	47
O pescador, por José Elisiario da S. Quintanilha . . . . .	79
Romance da viuvinha, por A. E. Zaluar. . . . .	112
Segredo, por A. E. Zaluar. . . . .	114
Amo-te tanto! (canção), por Juvenal Galeno. . . . .	142
Devo fugir-lhe! (tradução), por A. E. Zaluar. . . . .	145
A floresta, por João Manoel Espinola. . . . .	147
Venus, por Groseb. . . . .	175
Amores, por José Elisiario da S. Quintanilha. . . . .	245
Excelsa, por A. E. Zaluar. . . . .	269
Quem és tu? por Eustaquio Pinto da Costa. . . . .	505
A supplica, por J. . . . .	559
A M'**, por Brasilio. . . . .	565

EXPLICACÃO DOS TRABALHOS

Charuteira de couro da Russia, setim e veludo. — Desenho para bolsa de tabaco, com corrediça. — Porta-cartas — Bolsa de crochet fechado. — Arandela oriental. . . . .	24
Touca de crochet. — Tapete para alampada. — Colcha de crochet tunisien, de lã e seda. . . . .	50
Capuz sahida de baile. — Corpinho de lã em ponto de meia. — Rolo de guardanapo. — Charuteira. . . . .	85
Chinela de tapeçaria. — Açafate para trabalho. — Cinzeiro porta-mechas. — Bolsa para tabaco. — Ventarola. — Estojo para	

oculos. — Suspensão de contas. — Redondo e tira de um barrete grego. — Lambrequim de tapeçaria. . . . .	116
Bolsa para tabaco em fôrma de sacola. — Bolsa-esmoleira sobre talagarsa brasileira. — Ponto de meia para colcha de berço. . . . .	149
Abat-jour. — Porta-cartas. — Entremecio e guarnição de trancelim enfeitado. — Estrellas de ponto de meia. — Almofadinha. — Enfeite de cabeça para moça. . . . .	179
Bolsa de crochet. — Roupinha e touca para criança. — Nome da Virgem Santissima para meio de pala. — Estrella de crochet tunisien. — Estola de tapeçaria. . . . .	208
Toalha de altar. — Porta-phosphoros. — Caixinha para joias. . . . .	245
Illuminura. — Ornamento com passamanaria. — Pequeno tapete para frasco. — Tapete para lampeão. . . . .	275
Chinela bordada sobre panno. — Desenho de ponto de meia para cortinas de janella. — Sacco para costuras . . . . .	309
Flôres de papel. — Grande rosa musgosa. — Botão de rosa. — Armação da rosa. — Porta-cartões de visita. — Cabazinho de contas. — Limpa-pennas. . . . .	340
Flôres de papel. — Chapellino de <i>filet</i> . — Escarpim de ponto de meia para criança. — Caldeirinha. . . . .	365



ANNEXIDADES

JANEIRO

Figurino de modas (colorido). — Figurino de capas e vestuarios — Estampas de moldes e de bordados. — As corridas de Mantes (musica). — A caseira (aquarella).

FEVEREIRO

Figurino de modas (colorido). — Estampa de tapeçaria (colorida). — Estampas de moldes e de bordados. — Mazurka (musica).

MARÇO

Figurino de modas (colorido). — Estampas coloridas formando a terça parte de um *abat-jour*. — Estampas de moldes e de bordados. — Os Serões de S. André, quadrilha para piano.

ABRIL

Figurino de modas (colorido). — Estampa de trabalhos ouro e côres (colorida). — Estampas

de moldes e de bordados. — Valsa militar e polka para piano.

## MAIO

Figurino de modas (colorido). — Estampas coloridas formando a segunda terça parte de um *abat-jour*. — Estampas de moldes e de bordados. — Estampa de tapeçaria (colorida).

## JUNHO

Figurino de modas (colorido). — Figurino de roupa branca e chapéus (colorido). — Estampas coloridas formando a ultima terça parte de um *abat-jour*. — Estampas de moldes e de bordados. — *Agnus Dei*, para duas vozes, com acompanhamento de órgão ou piano. — *Pompadour* (musica).

## JULHO

Figurino de modas (colorido). — Estampas de moldes e de bordados. — Estampa de bordado *guipure* sobre *filet*.

## AGOSTO

Figurino de modas (colorido). — Estampas de moldes e de bordados. — Estampa de tapeçaria (colorida).

## SETEMBRO

Figurino de modas (colorido). — Estampas de moldes e de bordados. — Estampa de *crochet*. — Estampa de tapeçaria. — Mazurka e melodia.

## OUTUBRO

Figurino de modas (colorido). — Estampas de moldes e de bordados. — Estampa de roupa branca. — Estampa de *crochet*. — Estampa de tapeçaria. — Paisagem (margens do Marne, nas vizinhanças de Paris).

## NOVEMBRO

Figurino de modas (colorido). — Estampas de moldes e de bordados. — Estampas de tapeçaria e de *crochet*. — Estampa de tapeçaria colorida. — Quatro melodias.

## DEZEMBRO

Figurino de modas (colorido). — Figurino de vestuários históricos (colorido). — Estampas de moldes e de bordados. — Estampas de tapeçaria (coloridas).

